

RESENHA

*Danillo A. Santos**

ROCINE, Bryan M. **Hebraico Bíblico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, 604 pp.

O ensino das línguas bíblicas em instituições de educação teológica corre perigo. Há apenas cinco anos, Constantine Campbell, professor de grego, observou que

[...] é comum ouvir as preocupações de professores de grego sobre números decrescentes de alunos interessados em estudar grego, seminários e universidades que estão diminuindo seu compromisso com as línguas bíblicas numa corrida competitiva ao fundo do poço e muitos pregadores célebres que não conhecem uma palavra de grego... Se fracassamos em ensinar bem o grego, de forma a envolver o aluno e fazer com que a aquisição da língua se torne a menos dolorosa possível, não é de se surpreender que alunos em potencial considerem se esse estudo realmente vale a pena.¹

Se as afirmações de Campbell estão corretas, embora nós, professores das línguas originais da Bíblia, possamos salientar vários problemas alheios a nós mesmos, como o nível educacional dos alunos, o tempo disponível para o ensino, a falta de atenção dada a essas línguas em nossas instituições etc., o fato é que nossa pedagogia ainda deixa muito a desejar.

Bryan M. Rocine, pastor americano e professor de hebraico, escreveu uma gramática da língua bíblica que busca apresentar soluções para alguns

* Doutorando em Hermenêutica no Westminster Theological Seminary (Filadélfia); mestre em divindade pelo Reformed Theological Seminary (Jackson); professor do Instituto Bíblico Eduardo Lane e pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana do Bairro Constantino (Patrocínio/MG). Autor de artigos acadêmicos e criador do site www.issoehebraico.com.

¹ CAMPBELL, Constantine R. *Advances in the Study of Greek: New Insights for Reading the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 2015, p. 209. Minha tradução.

problemas criados pelas formas tradicionais do ensino do hebraico bíblico. Visto que Rocine também tem bastante experiência ensinando inglês de forma conversacional como um ministério de sua igreja, ele aplica abordagens da área de estudos de aprendizado de uma segunda língua ao estudo e ensino do hebraico bíblico, de forma a “ensinar, da primeira à quinquagésima lição, nuances repletas de significado, especialmente aquelas relacionadas à análise do discurso do hebraico bíblico inacessíveis por meio das traduções na nossa língua. Este curso busca ressaltar o valor de ler a Bíblia Hebraica em hebraico” (p. 11).

Partindo dessa missão, isso é, “ler a Bíblia Hebraica em hebraico”, sua gramática visa ensinar o aluno, desde o início, a apreciar as escolhas feitas pelos escritores bíblicos em cada nível (palavra, frase, oração, etc.). Ao fazer isso, a língua hebraica não somente se torna mais viva, mas também mais *relevante* ao aluno, que começa, desde o início, a entender a *razão* de estudar o idioma. Por exemplo, em vez de diversas memorizações e tabelas de regras e exceções (e até mesmo exceções das exceções!), seguindo uma ordem lógica, mas afastada do ensino tradicional do hebraico, Rocine já aborda o aluno com o *wayyiqtol* na primeira lição, com o *piel* na segunda e verbos ה"ל a partir da terceira. Embora esse método de escolha de material possa parecer aleatório ou até mesmo perigosamente desleixado, Rocine parte do princípio de que devemos “ensinar primeiro o mais necessário” (p. 11), preparando assim o aluno para compreender questões de interpretação ao longo do ensino de toda a gramática.

Após uma introdução ao método da gramática em si (p. 9-14) e um breve guia para a pronúncia do hebraico (p. 15-24), o livro se divide em seis módulos de lições, seguidos por uma seção de leituras em textos maiores, organizadas para seguir o material de cada lição e, finalmente, vários materiais didáticos para ajudar na memorização e organização do conteúdo aprendido (tabelas de verbos, listas de vocabulário, bibliografia e índices). O primeiro módulo trata do gênero narrativo e prepara o aluno para entender as formas verbais mais comuns no mesmo. O segundo focaliza o discurso direto, estendendo o estudo a vários outros gêneros. Já no terceiro, o aluno irá repassar o conteúdo ensinado e poderá ampliar seu conhecimento dos troncos Piel e Hiphil. O módulo quatro focaliza o *weqatal* e seu uso no discurso procedural e o quinto módulo completa o conhecimento do sistema verbal do aluno ao focalizar troncos passivos e reflexivos. Por último, o sexto módulo aborda algumas últimas questões verbais (raízes geminadas), numerais e a desambiguação do *yiqtol* e *qatal* em determinadas situações. Oito leituras acompanham essas lições: (1) Gênesis 22.1-19, (2) Gênesis 17.1-9, (3) Juízes 16.4-20, (4) Deuteronômio 6.1-25, (5) 1 Samuel 17.32-38, (6) Gênesis 29.1-30, (7) Ezequiel 37.1-14 e (8) Gênesis 43.1-45.28. O livro usa um método interativo, exigindo que o aluno responda algumas perguntas de revisão e aprendizado, tanto em relação às lições quanto

às leituras, facilitando assim o aprendizado tanto para alunos numa turma de hebraico em uma escola teológica quanto para alunos autodidatas.

Há muito a elogiar nesse livro e sua tradução para o português. Com sua pedagogia completamente inovadora, mas baseada em sólidos estudos e experiência de ensino de línguas estrangeiras, a obra de Rocine provavelmente se destaca acima de qualquer outra gramática hebraica existente no mercado brasileiro. Seu foco, além da morfologia e semântica, promete ao aluno de hebraico três diferenciais: (1) o aprendizado da leitura do texto hebraico *integralmente*, em vez de ler oração-por-oração ou sentença-por-sentença; (2) a compreensão do *texto em função da língua hebraica* e não apenas para saber como traduzir o texto hebraico para o português e, (3) o aprendizado por meio da compreensão da *relevância*, ao invés de mera memorização sistemática. Explicarei essas três vantagens posteriormente. Por causa desses destaques, esse livro traz esperança de que os alunos aprendam o hebraico de forma a retê-lo e, portanto, a fazer bom uso da língua no seu ministério futuro.

Em primeiro lugar, Rocine ensina hebraico *integralmente*. Para atingir esse alvo, a abordagem de Rocine se volta para estudos de análise do discurso. Vale notar que “análise do discurso” não se refere, aqui, à abordagem filosófica com raízes francesas que é mais bem conhecida da academia brasileira. No caso da gramática de Rocine, análise do discurso se refere a pesquisas linguísticas que encaram qualquer palavra num texto no seu contexto maior e nas regras linguísticas que o regem. Portanto, a gramática de Rocine vai além da ênfase em semântica e morfologia, abordando questões de sintaxe, pragmática e gênero, proporcionando ao aluno um entendimento mais englobado e menos atomístico da língua.

Um segundo benefício dessa gramática, dependente do primeiro, é que ela foi escrita para ensinar *o texto em função da língua hebraica*. Ao aprender o texto como um todo, o aluno não adquire conhecimento para saber como fazer uma boa tradução do hebraico para o português, mas para compreender melhor o texto hebraico. Qualquer professor de hebraico prontamente afirmará que existem expressões e modos de transmitir informação nessa língua que são completamente estranhos aos nossos modos lusófonos de falar e pensar. Contudo, muitas vezes, nós professores tentamos ensinar esses conceitos exóticos apelando a traduções inflexíveis e estranhas em português, em vez de mostrar ao aluno *como pensar em hebraico*.

Finalmente, devemos notar que todo aprendizado natural de idiomas é sempre feito por *relevância*, não por sistematização lógica, embora uma precise da outra. O que quero dizer com isso é que, como crianças, não aprendemos o português (ou qualquer outra língua) primeiro por dizer “cavalo” (סוּס), “cavalos” (סוּסִים), “égua” (הוֹסֶה), “égua” (סוּסוֹת). “Pronto, agora sei o masculino e o feminino singular e plural de substantivos em português!”. Em vez disso, as crianças aprendem por aquilo que é mais relevante a elas. Suas primeiras

palavras geralmente são papai, mamãe, au-au ou bola. Não deveríamos pensar que, quando chegamos aos 20 ou 30 anos, nosso cérebro é transformado de tal maneira que não podemos mais aprender por aquilo que é relevante a nós. Isso é, não deveríamos pensar que agora aprendemos somente por meio de tabelas memorizadas e categorias ocidentais impostas sobre um texto oriental. Como todos os softwares de aprendizado de línguas atuais (Rosetta Stone, Duolingo, Memrise etc.), a obra *Hebraico Bíblico* entende isso e se organiza para melhor ensinar o aluno de acordo com esse princípio.

Existem também alguns problemas com essa gramática. Em primeiro lugar, embora a tradução tenha sido muito bem-feita, existem vários errinhos técnicos que escaparam aos editores e poderão confundir o aluno no decorrer do processo de aprendizado. Alguns deles são os seguintes: (1) o uso de alguns símbolos e exemplos fonéticos para aprendizado das consoantes que não fazem sentido (veja a descrição do ה, ח, כ e ר na p. 17), (2) o *daguesh*, quando não acompanhado por uma consoante, é frequentemente escrito como um *holem* (isso é comum a partir da segunda lição), (3) algumas frases idênticas são traduzidas de formas diferentes (por ex., p. 44 e 327), (4) algumas referências a páginas no livro estão incorretas (por ex., logo no início do livro, na pág. 33, a tradução diz que o vocabulário começa na p. 543, mas na verdade só começa na p. 561) e (5) várias traduções de vocábulos estão completamente erradas (ao fazer uma revisão do vocabulário, encontrei uma média de 10 traduções erradas a cada 100 vocábulos! Por exemplo: “Palestina” para פְּלִשְׁתִּי – deveria ser “filisteu”; “floresta” para עֵץ – deveria ser “madeira”; “letra” para טָבַח – deveria ser “carta”; “primavera” para מַעַיִן – deveria ser “fonte”). Esses são problemas de tradução e edição e, em geral, não devem causar muito dano ao aluno perspicaz ou professor atento. Contudo, deixam a desejar uma tradução e edição feita com maior esmero.

Outro problema encontrado diz respeito à própria organização do material de acordo com o autor americano. Essa organização pode apresentar um empecilho a certos alunos. O material na gramática de Rocine se apresenta de maneira densa, com parágrafos grandes, fonte pequena e poucas figuras/tabelas. Visualmente, essa apresentação pode gerar certa ansiedade, principalmente para alunos que não entendem como as línguas funcionam. Como cada lição aborda vários assuntos, seria melhor se houvesse alguma forma de repassar todo o conteúdo aprendido de uma maneira simplificada ao final de certas lições ou seções. Como a gramática de Rocine não apresenta esse tipo de material de revisão, para melhor aproveitar o material do autor se recomenda que o professor esteja atento a como simplificar e salientar as partes corretas aos seus alunos.

Finalmente, uma questão mais prática e relevante em relação às instituições de ensino presbiterianas é que Rocine escreveu sua gramática para ser estudada anualmente. Embora seja intenso dedicar 300 horas em um único ano ao estudo

dessa língua, a intensidade é o que contribuirá com o foco e a concentração do aluno. Nos seminários presbiterianos atualmente a língua hebraica é ensinada em dois anos, e a grade curricular dos seminários não permite sobrecarregar o aluno com o aprendizado desse idioma em um ano. Será possível, é claro, dividir o estudo do hebraico seguindo a gramática de Rocine em dois anos, mas a falta de intensidade certamente comprometerá o potencial do livro e sua abordagem.

Com certeza haverá certa reticência do professor de hebraico em promover uma mudança à luz da gramática de Rocine, o que pode até ser um tanto difícil no início. Contudo, o tempo investido na familiarização com esse livro não será gasto em vão. O potencial dessa gramática em termos de sua pedagogia e foco no texto hebraico *por si* já compensa não somente o dinheiro, mas também o tempo dedicado ao seu estudo. Esta gramática é extremamente bem-vinda à educação teológica brasileira.